

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: A FICÇÃO CIENTÍFICA
9 e 20 de julho de 2022

DARK STAR / 1974

um filme de John Carpenter

Realização: John Carpenter / **Argumento:** John Carpenter e Dan O' Bannon sobre uma história de Dan O' Bannon / **Fotografia:** Douglas Knapp / **Direcção Artística:** Dan O' Bannon / **Efeitos Especiais:** Dan O' Bannon / **Música:** John Carpenter / **Desenho da nave:** Ron Cobb / **Montagem:** John Carpenter / **Interpretação:** Brian Narelle (Doolittle), Andrejeh Pahich (Talby), Carl Kuniholm (Boiler), Dan O' Bannon (Pinback), Joe Sanders (Powell), etc.

Produção: Jack H. Harris para a Bryanston / **Distribuição:** Metro-Goldwyn-Mayer / **Cópia:** digital, cor, com legendas electrónicas em português, 83 minutos / **Inédito comercialmente em Portugal.** Exibido pela primeira vez no nosso País, no grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, a 6 de Janeiro de 1985, no Ciclo de Ficção Científica, co-organizado por aquela Fundação e pela Cinemateca Portuguesa.

A sessão de dia 9 tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos

Para quem nada saiba desta obra e associe Carpenter às coisas monstruosas e aos universos do terror este filme constituirá uma enorme surpresa.

Porque numa história tipo **Alien** (ou tipo **The Thing**, se não quisermos sair do mundo de Carpenter), o cineasta não nos propõe qualquer "terror nos espaços", mas a mais divertida "space opera" alguma vez filmada, com um portentoso argumento de Dan O' Bannon e diálogos não menos portentosos.

Para começar, chamo a atenção que **Dark Star**, como **THX-1138** de George Lucas, é um filme escolar, feito pelos alunos da mesma universidade de Lucas (Califórnia do Sul) que foram Carpenter e O' Bannon, que por lá passaram uns anos depois (ambos são quatro anos mais novos que o autor de **Star Wars**).

Inicialmente foi um projecto de 16mm, orçamentado em 6.000 dólares (em 1971). Como aconteceu com a passagem do filme escolar de Lucas **THX-1138:4 E3** a versão definitiva, também neste caso as peripécias foram inúmeras e três anos mediaram entre o filme de 16mm e a ampliação e total remodelação para 35, com um orçamento que passou de 6.000 para 60.000 dólares (mesmo assim uma ridicularia).

Carpenter afirmou: "Desde miúdo que queria fazer cinema. Quando vim para a Califórnia, em 1968, inscrevi-me logo na Escola de Cinema da Universidade da Califórnia do Sul e foi lá que tive ocasião de fazer as minhas primeiras curtas-metragens. Uma delas, **The Resurrection of Bronco Billy** (1970), que era uma homenagem ao western, ganhou um oscar. **Dark Star** começou também como uma curta-metragem de 45 minutos, e só quatro anos mais tarde encontrei um investidor que me propôs, a partir daí, uma longa-metragem. Fiquei entusiasmado. Infelizmente, acho que, ao fim e ao cabo, o filme ficou um bocado descosido. Mas, na altura era o

meu primeiro filme e eu estava radiante. Acreditava ingenuamente que, depois de **Dark Star**, todos os produtores mandariam uma "limousine" para me buscar. Nada disso aconteceu e passei alguns anos difíceis a perguntar-me como é que havia de conseguir vir a ser realizador. Durante quatro anos, escrevi argumentos, cerca de 14. Alguns foram filmados, outros - graças a Deus - nunca saíram da gaveta".

Como sucedeu com **THX**, o malogro comercial de **Dark Star**, à data da estreia foi acompanhado por um intenso fervor por parte do público estudantil, para quem a obra foi, desde logo, um "cult movie". E tal sucedeu com **THX**, o filme só teve distribuição mundial em 1980, quando **Assalto à 13ª Esquadra** e **Halloween** já tinham consagrado o nome do cineasta. E se "cult movie" permaneceu, **Dark Star** também ficou sempre um pouco marginal, o que explica também, porque é que o filme nunca foi exibido comercialmente entre nós.

Uma das razões do "culto" que rodeia este filme é a sua dependência estética da ficção científica dos anos 50 (a que de resto Carpenter se ia manter fiel no "remake" de **The Thing** de Hawks), do chamado "pulk and pabulum". Feito alguns anos depois de **2001** e alguns anos antes de **Star Wars**, **Dark Star** vira tanto as costas a um como a outro filme, introduzindo nessa "trágica" viagem (com um morto a bordo) e naquela nave de nome negro, um "alien" que vem direitinho das séries B dos "fifties" e dá pretexto a uma das sequências mais delirantes e mais fabulosas deste filme, durante a movimentada e inesquecível perseguição à "coisa" mais "coisa" que alguma vez vimos.

Contudo, como notava Oliver Assayas, na crítica publicada quando da estreia francesa do filme ("Cahiers du Cinema", nº 314, Julho-Agosto de 1980) "é um grave erro apresentar **Dark Star** como uma paródia à Mad do cinema de ficção científica. Primeiro porque o filme (...) é anterior a **Star Wars** e à vaga do cinema de 'FC'. Depois, porque mesmo que a referência - inevitável - a **2001, Odisseia no Espaço** se imponha, nunca passou pela cabeça dos autores de **Dark Star** parodiar Kubrick, mas, servindo-se da sua estética, explorar um terreno relativamente virgem da antecipação científica, muito próximo da banda desenhada.

Star Wars referia-se explicitamente às revistas dos anos 30, como *Astounding* e Lucas nunca fez qualquer mistério do facto de só se ter decidido por esse filme, depois de lhe terem sido recusados os direitos de **Flash Gordon**.

Como foi o sucesso comercial de **Star Wars** que provocou a avalanche de filmes de 'FC' que conhecemos, foi fatal que os 'partis pris' do Ciclo se tivessem imposto como dominantes na obra dos seus sucessores. (...).

Dark Star - cujos efeitos especiais estão longe de ser tão nulos como alguns dizem - distribuído em 1980 apareceu nitidamente desfasado das correntes dominantes de 'FC', mas teria podido, se as coisas tivessem evoluído doutra maneira, estar no centro deles.

As aventuras destes astronautas, perdidos há vinte anos no cosmos, com a missão de fazer ir pelos ares planetas "instáveis" e tirando o máximo prazer dessa aventura pueril, desenvolvem-se num universo em que os amadores de Harvey Kurtzman e dos recentes "comics" americanos não se sentirão desfasados. Esses quatro personagens, cada um num estado neurótico avançado, dominados por máquinas faladoras que só conseguem dominar com sofismas, são um antídoto indispensável à hiper-saturação dos infalíveis heróis inter-galácticos.

Quando vemos este filme, ficamos, com razão, com alguma pena de que o cinema de "fc" não tenha evoluído neste sentido, mais divertido, mais malicioso e sobretudo mais ágil, em vez de se encerrar num sistema em que a presença duma orquestra sinfónica tem que presidir a cada descolagem duma nave espacial.

Há, com certeza, muito mais poesia num só plano de **Dark Star**, quando um dos astronautas se afasta nos espaços siderais montado numa placa de 'surf' do que em todo o **Saturno 3**, por exemplo".

A citação foi longuíssima, mas, por mim, não saberia dizer melhor nem estaria mais de acordo. Como também plenamente subscrevo a afirmação de Assayas de que **Dark Star** é um dos mais importantes filmes de "fc" da década em que foi feito. Só encontrei razões para reforçar a minha queda pelo mundo e pela visão de John Carpenter.

E como cito doutro universo crítico uma opinião que me parece completar a de Assayas, num aspecto indispensável. Richard Comb no "Monthly Film Bulletin" notava: "No meio da comédia que este filme é o espectador pode não reparar na grande sofisticação e na admirável poesia dos efeitos especiais deste filme, tão discreto que, não lhe prestam atenção (...). Se não há o aparato de **Star Wars**, há uma qualidade de 'design' infinitamente superior. Só que durante as mais evidentes cenas de 'efeitos', a nossa atenção vai mais para as peripécias da história: mas repare-se na beleza da viagem através do asteróide, quando da perseguição da 'coisa'; na saída do astronauta no final, para a conversa com a bomba. Determinadamente muito mais pragmático na sua aproximação dos problemas das viagens extra-terrestres, Carpenter conseguiu coisas ainda melhores que as de Kubrick.

Assim devidamente divertidos, só me resta divertir-me, eu também, ressaboreando convosco algumas das tantas coisas admiráveis deste espantoso filme.

Para começar, a música e a banda sonora, sempre, nos filmes de Carpenter, capitais e sempre compostas por ele. Aqui, desde o 'jazz' inicial à fabulosa ideia de associar o *Barbeiro de Sevilha* com a mais aventureira sequência na nave, tudo é simplesmente genial, sem omitir (pelo lado da banda sonora) aquela suave voz da hospedeira feminina, com o 'leitmotiv': 'this is an emergency' (...) 'sorry to stop your recreations'".

Depois (e já tanto falei da cena da "coisa" que me dispense de a adjectivar com os meus conhecidos recursos na matéria - "thank you for observing all safety precautions") a inserção genial da filosofia na discussão entre Doolittle e a bomba. Bem o tinha prevenido o cadáver do Comandante Powell que não bastavam recursos clássicos ("talk phonomenology"). Efectivamente, a bomba era cartesiana e não esquecera tantas coisas como o capitão. O seu cogito ("well I think, than I'm") teria colocado bem maiores dificuldades se não fosse a preparação husserliana de Doolittle, fazendo-lhe depender a essência da existência e não o contrário.

Mas a bomba aprende depressa e o seu "raciocínio" final ("let there be light") vai, de mistura com a sua formação religiosa e com as citações bíblicas, provocar o fim da *Dark Star*.

Difícilmente se voltará a conseguir um tão fabuloso diálogo como essa conversa final, em que Carpenter (em tão diferentes terrenos) mostra, mais uma vez, que tudo aprendeu com o seu cineasta favorito: Howard Hawks. A Hawks, Carpenter não foi (como essa sequência prova) buscar apenas o tema do enclausuramento e a maestria na encenação de personagens em espaços pequenos e cerrados. Foi buscar igualmente esse sentido do diálogo, ou seja, essa polivalência múltipla e multiforme, que faz com que, para além do resto, **Dark Star** fique, na história do cinema, como o filme de mais vertiginoso diálogo, depois do **Bringing Up Baby** e do **My Girl Friday**. Pelo menos, não me recorde de ter voltado a ouvir equivalente loucura verbal.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico